

# A Abordagem do Exército dos EUA para Assistência a Forças de Segurança

General Edward P. Donnelly, Exército dos EUA;  
Coronel Mike Redmond, Exército Britânico; e  
Major Bill Torrey, Exército dos EUA

**E**NQUANTO AS FORÇAS Armadas dos EUA encaram a primeira metade do século XXI, várias tendências mundiais — globalização, disponibilidade de tecnologia, crescimento da população, urbanização, aumento da demanda por recursos naturais, mudanças ambientais e proliferação de armas de destruição em massa — seguem moldando o ambiente de segurança internacional. Essas tendências exercem pressão crescente sobre os governos, que precisam responder às expectativas legítimas de seus cidadãos, incluindo a satisfação de suas necessidades básicas, a disponibilização de uma justiça imparcial e a prosperidade, decorrente da busca por mais oportunidades para si e para seus descendentes. Governos que sejam incapazes de satisfazer essas aspirações correm o risco de perder sua capacidade de governar. Essa perda, por sua vez, cria oportunidades para que grupos extremistas possam exportar o terror e a violência em prol de suas ideologias radicais. Em última instância, a situação pode gerar um ambiente de conflito persistente.

## Conflito Persistente

Confrontos prolongados envolvendo atores estatais, não estatais e individuais cada vez mais dispostos a empregar a violência para alcançar seus objetivos políticos e ideológicos, permanecem figurando no ambiente estratégico provável para a primeira metade do século XXI e, talvez, além.

As estratégias previstas para enfrentar essa era de conflito contínuo sugerem que as Forças dos EUA terão quatro tarefas principais:

- *Prevalecer* no conflito atual;
- *Dissuadir* e, se for necessário, *derrotar* inimigos em conflitos futuros — incluída, nessa tarefa, a defesa da pátria;
- *Apoiar* autoridades civis nos EUA e no exterior;
- *Engajar-se* com nações parceiras para auxiliá-las a ampliar a capacidade de suas forças de segurança; conjuntamente com os demais elementos do poder nacional, desenvolver a capacidade desses governos e obter sua cooperação nas operações que envolvam todo o espectro de conflito.

Embora essa última — o engajamento de parceiros — tenha sido uma parte integrante das estratégias nacionais há muito tempo, os Estados Unidos têm utilizado suas Forças militares em papéis significativos nessa tarefa apenas esporadicamente. Devido às ameaças militares convencionais, ao nível de estabilidade internacional garantido pelas superpotências rivais e ao baixo nível de ameaças exercido por grupos extremistas, as Forças Armadas estadunidenses não se esforçaram muito para persuadir as nações parceiras a desenvolverem as capacidades de suas forças de segurança. No entanto, com a crescente ameaça que grupos extremistas apresentam à estabilidade regional

---

*O General Edward P. Donnelly completou, recentemente, dois anos como Vice-Diretor de Estratégia do Exército, cujas áreas de responsabilidade incluem Assuntos Internacionais e Cooperação em Segurança. Participou de sete contingentes operacionais empregados em operações de combate. Possui vários diplomas de pós-graduação, incluindo o de Juris Doctor pela Suffolk University.*

*O Coronel Mike Redmond, do Exército Britânico, foi chefe da Divisão de Operações de Estabilidade do Quartel-General do Departamento do Exército. Possui o título de Mestrado pelo National War College, Washington D.C.*

*O Major Bill Torrey é estrategista do Exército, da Divisão de Operações de Estabilidade. Atualmente cursa o Mestrado na Johns Hopkins School of Advanced International Studies.*

e mundial, as Forças Armadas dos EUA devem aceitar esse papel. Se a ameaça é contínua, a reação a ela também deve ser.

O *engajamento contínuo* é um esforço prolongado, em conjunto com outros elementos do governo, para desenvolver a capacidade das nações parceiras para controlarem seu território e governarem sua população, ao mesmo tempo em que se conquista sua cooperação em operações por todo o espectro de conflito. Levado a cabo, principalmente, por meio de iniciativas de cooperação de segurança destinadas a desenvolver a capacidade e o relacionamento com os parceiros, o engajamento contínuo é uma ferramenta essencial para o êxito em um conflito continuado. As Forças Armadas são o meio principal para desenvolver a capacidade das forças e das instituições militares de outras nações, por meio dos programas de assistência a forças de segurança (AFS). A força militar tem papel complementar, apoiando os esforços de outros órgãos no desenvolvimento da capacidade de governo das nações parceiras e de sua própria capacidade em assistir essas nações. A cooperação de segurança, incluindo a atividade de AFS, aumenta a cooperação das nações parceiras em operações por todo o espectro de conflito.

### Assistência a Forças de Segurança

*Assistência a forças de segurança* é a combinação de atividades para desenvolver a capacidade das forças de segurança estrangeiras e de suas instituições de apoio. A AFS é uma tarefa que as forças militares conduzem em coordenação com outros órgãos, com seu apoio ou em seu apoio, como parte de operações de estabilização, por todo o espectro de conflito<sup>1</sup>. Não raramente, a AFS contribui com o aprofundamento de relações entre os países, o que, entre outras coisas, possibilita o apoio político às operações militares e aos esforços do governo ou da força de segurança.

A abordagem do Exército para a AFS tem cinco componentes:

- a demanda;
- a alocação de meios;
- a preparação da tropa;
- a execução (incluindo a avaliação);
- o apoio.



Marinha dos EUA, 1º Sgt Joshua Treadwell

*Tropas da Força Internacional de Assistência à Segurança da OTAN, no Afeganistão, visitam as Equipes de Reconstrução Provincial nas Províncias de Konduz, Balkh, Garyhab e Wardak.*

**A demanda.** Os Comandos Combatentes Geográficos estabelecem e enunciam a necessidade de meios para esse tipo de missão em suas estratégias de teatro de operações, seguindo as orientações contidas na Diretriz do Secretário de Defesa para o emprego de Forças; tudo com a finalidade de atingir uma situação de segurança e de estabilidade em suas áreas de responsabilidade. O Departamento de Defesa valida, estabelece prioridades e gerencia o atendimento aos requerimentos dos Comandos Combatentes Geográficos.

Os Comandos Componentes do Exército [em inglês, *Army Service Component Command* — *ASCC* — o comando que representa os meios do Exército subordinados a cada um dos Comandos Combatentes Unificados — N. do T.] desenvolvem os planos de campanha do teatro de operações de modo a atender às responsabilidades dos Comandos Combatentes Geográficos a que estão subordinados e atingir os efeitos operacionais pretendidos<sup>2</sup>. Os Comandos Componentes do Exército, as organizações de cooperação de segurança, os comandantes de Forças Conjuntas, os comandos de operações especiais do teatro de operações e as equipes de especialistas no país (do Departamento de Estado) coordenam os planos em cada área de responsabilidade<sup>3</sup>. Também podem propor requisitos operacionais ou institucionais para



*Um chefe de equipe do Exército dos EUA cumprimenta um jovem com uma saudação com o punho fechado, na aldeia de Samatan, Província de Kunar, no Afeganistão, 24 Set 10.*

que sejam incluídos nos planos dos Comandos Componentes do Exército. As equipes do Departamento de Estado, por exemplo, são fontes prováveis de solicitações de assistência militar em apoio aos planos executados por outros órgãos, como os de desenvolvimento da capacidade econômica ou de governança.

Os planos dos Comandos Componentes do Exército elaboram suas solicitações ao escalão superior por meio da definição das capacidades necessárias para atingirem os efeitos pretendidos. O Departamento de Defesa valida e prioriza o atendimento aos pedidos e determina que as Forças Singulares forneçam tropas, unidades, equipamento e programas àquele Comando Componente do Exército, para atender ao que foi solicitado. Assim que recebe a determinação de apoiar o Componente do Exército de determinado Comando Combatente Unificado, a Força Terrestre define como irá fazê-lo. As duas “fontes” das quais o Exército pode extrair os meios para isso são a “Força Operacional” e a “Força Geradora” [A Força Geradora é aquela

parte da Instituição cuja finalidade é gerar e sustentar as unidades operacionais — N. do T.].

**A Alocação de Meios.** Quando a decisão for utilizar Forças operacionais para atender à solicitação de meios, as tropas de emprego específico do Exército serão a primeira — e a melhor — escolha. Elas são organizadas, adestradas e equipadas para executar operações de pequenos escalões. Possuindo habilidades culturais e de idiomas focadas na região e treinamento de defesa interna no estrangeiro, as tropas de emprego específico são ideais para o emprego nas tarefas mais comuns de AFS, ou seja, aquelas que envolvem o emprego de atividades adaptáveis e de pouca duração, necessárias ao desenvolvimento de capacidades em indivíduos ou em pequenas organizações. Quando houver a necessidade de desenvolvimento de capacidades especiais ou muito específicas, tropas de emprego geral ou pequenas organizações adaptadas para fins especiais podem ser designadas em reforço à unidade de emprego específico, enquanto durar a missão. As tropas de emprego específico podem

operar sem que sua presença seja ostensiva, o que as torna ideais para o emprego em muitas missões AFS. Muitas nações que possivelmente precisem de assistência em segurança, provavelmente não irão querer que suas populações saibam que essa ajuda foi pedida.

Quando as necessidades de efetivos operacionais excedem a disponibilidade de Forças de emprego específico ou quando essas não são as melhores opções para determinada missão, o Exército, provavelmente, incumbirá uma brigada de emprego geral para prover a assistência. Há 302 brigadas modulares de emprego geral no Exército, incluindo 73 brigadas de combate (*Brigade Combat Team — BCT*) — de manobra — e 98 brigadas de apoio multifuncional. O Exército empregou brigadas de combate (de manobra) nas Operações *Iraqi Freedom* e *Enduring Freedom* (e agora, na Operação *New Dawn*) para desenvolver a capacidade das forças de segurança afegã e iraquiana. Até agora, as lições desses desdobramentos indicam que a brigada é uma base viável para uma AFS de grande escala para desenvolver a capacidade nos níveis individual e de Unidade. O planejamento, o comando e controle e as capacidades de apoio inerentes a um quartel-general de uma brigada de emprego geral permitem-lhe planejar, executar e sustentar missões de AFS em maior escala, mais complexas, mais variadas e de maior duração.

O desenho modular da brigada habilita o Exército a organizá-la para a missão de AFS com indivíduos, organizações e capacidades das Forças de emprego específico, com outras tropas de emprego geral e até mesmo com organizações da Força Geradora. Quanto mais detalhada for a solicitação de meios — na descrição dos efeitos pretendidos com a missão de AFS — e quanto mais cedo ela for recebida pelo escalão superior, mais provável será que a organização por tarefas das tropas de emprego geral contenha a melhor “mistura de capacidades” para aquela missão específica. A brigada pode organizar elementos do tamanho e com os conjuntos de habilidades necessários a cada missão, e pode fornecer assistência contínua em vários locais, utilizando a capacidade de seu estado-maior. Instalações ou capacidades logísticas específicas de organizações assemelhadas da nação anfitriã podem apoiar logisticamente as

equipes desdobradas, dependendo do ambiente. Unidades especializadas podem juntar-se à estrutura, enquanto unidades orgânicas podem se adaptar para cumprir tarefas singulares da missão. A brigada contém uma grande variedade de experiências. Uma brigada de combate típica, por exemplo, tem mais de 250 oficiais e mais de 1.000 praças nas graduações de terceiro sargento [na equivalência com o Exército Brasileiro – N. do T.] ou superiores, o que lhe proporciona uma significativa base de instrutores e assessores.

Sendo necessário que as Forças Geradoras atendam à demanda, o Exército, geralmente, irá incumbir um Comando subordinado com a tarefa de desenvolver um conjunto de capacidades compatível com o efeito desejado, ou organizará o conjunto ele próprio, utilizando pessoal do quartel-general do Departamento do Exército ou elementos de estado-maior das unidades que lhe são diretamente subordinadas. Outros elementos da Força Geradora podem contribuir com indivíduos, com organizações ou com capacidades. Se os níveis de ameaça determinarem que haja transporte com segurança, ou se a tarefa demandar uma estrutura de apoio significativa, as Forças operacionais também podem contribuir com o conjunto de meios. Se for necessário fornecer equipamento às forças de segurança estrangeiras, o Comando de Material do Exército é quem determina a melhor forma de fornecer essa assistência. Opções incluem o programa de Vendas Militares no Exterior (*Foreign Military Sales — FMS*), as vendas diretas de alta prioridade — quando autorizadas — os artigos de defesa declarados como “excedentes” e os empréstimos temporários. Quando um dos programas existentes é a melhor opção para atender aos requisitos da missão — como o Programa Internacional de Educação e Treinamento Militar (*International Military Education and Training — IMET*), por exemplo — a Força Geradora será encarregada de prover a assistência.

**A Preparação.** Uma vez que a origem dos meios tenha sido identificada, os indivíduos, as organizações, as capacidades, o equipamento e os programas envolvidos serão preparados para a execução.

Quando a fonte é uma tropa de emprego específico, o Comando de Operações Especiais incumbirá um elemento com essa tarefa e

solicitará complementação de efetivo, caso seja necessário. O Quartel-General do Departamento do Exército definirá a tarefa.

Quando a fonte é uma tropa de emprego geral, o Comando de Forças (*Forces Command*) definirá a organização seguindo o processo de Geração de Forças do Exército (*Army Force Generation — ARFORGEN*) e solicitará reforço com tropas de emprego específico ou da Força Geradora ao Quartel-General do Departamento do Exército. O processo de ARFORGEN possibilita a preparação progressiva para quaisquer missões, alocando meios às organizações militares, as quais desenvolvem sua preparação ao longo de três fases consecutivas — Recomposição, Treinamento-Prontidão e Disponível (*Reset, Train-Ready, Available*). Independentemente da organização militar que forneça os meios, a solução para atendimento às solicitações deve ocorrer o mais cedo possível dentro do processo de ARFORGEN — de forma ideal, antes do término da fase de “Recomposição” das unidades. Durante a fase de “Treinamento-Prontidão”, as unidades recebem indivíduos, equipes, capacitação, treinamento e qualquer equipamento especial necessário para cumprir a missão de AFS. A 162ª Brigada de Adestramento, localizada junto ao Centro Conjunto de Treinamento de Prontidão (*Joint Readiness Training Center — JRTC*) no Forte Polk, Estado da Louisiana, é o principal instrumento dessa integração. A brigada envia equipes móveis de adestramento e instrução ao local onde está o “cliente”, de modo a desenvolver as habilidades individuais e coletivas e a facilitar a programação de instrução pertinente à conscientização cultural, regional e linguística. A integração da instrução e o emprego de cenários e figuração específicos para a missão de AFS, dentro do JRTC (e de outros centros de adestramento de combate), proporcionam oportunidades adicionais para a preparação coletiva das unidades. Durante a fase de “Treinamento-Prontidão”, as unidades coordenam com os Comandos Componentes do Exército, com as equipes do Departamento de Estado, com os Escritórios de Cooperação de Defesa e com as tropas de emprego específico especializadas na região, de modo a aprimorar a preparação para a missão e receber orientação “regionalizada”.

Equipes especializadas na região, incluindo oficiais especialistas de área (*foreign area officers*), irão trabalhar com a 162ª Brigada para ajudar a unidade que se encontra em preparação a transformar a teoria em práticas situacionais específicas. Essas equipes podem ser desdobradas com as unidades de AFS para melhorar a proficiência em idiomas, a consciência cultural e a permanência no longo prazo. Elas também colhem lições dos desdobramentos de AFS para atualizar e aprimorar os planos e ajudar a desenvolver cenários e avaliações para as diversas áreas geográficas. Embora as Forças Geradoras que recebam a missão de AFS não estejam sujeitas ao ciclo de ARFORGEN, elas podem tirar proveito “do banco de conhecimentos” da 162ª Brigada e de sua capacidade de adaptar-se a qualquer tipo de apoio para o treinamento.

**A Execução.** Na fase “Disponível” do ARFORGEN, as organizações, as capacidades, o equipamento, os programas e os indivíduos que foram adequadamente preparados estão prontos para emprego em missões de AFS. Os Comandos Componentes do Exército avaliam o desempenho das missões de AFS durante e depois de sua execução e ajustam seus planos e os requisitos futuros.

A missão de AFS proporcionada pelas tropas de emprego específico, coordenadas com a equipe de país do Departamento de Estado, é cumprida sob o controle operacional do Comando de Operações Especiais do teatro de operações e, se apropriado, do comando de operações especiais avançado, desdobrado no território do país-alvo.

A missão de AFS proporcionada por meios da Força Geradora fica sob o controle operacional dos Comandos Componentes do Exército e é coordenada com a equipe do Departamento de Defesa e, se aplicável, com as organizações de cooperação de segurança locais. Os Comandos Componentes do Exército podem optar por delegar o controle de missões de AFS menos complexas às organizações de cooperação de segurança ou mesmo aos adidos de Defesa ou do Exército, no país.

As missões de AFS proporcionadas pela Força Geradora e prestadas às forças de segurança e instituições não militares estrangeiras (por exemplo: polícia nacional, serviços de Inteligência cívica, polícia local) ficam sob o

controle operacional dos Comandos Componentes do Exército, em apoio direto a outros órgãos federais dos EUA. Nesse caso, os Comandos Componentes do Exército apoiam as agências com capacidades exclusivamente militares ou as reforçam com capacidades militares adaptadas a finalidades civis, por períodos limitados, geralmente quando as demandas excedem as capacidades dos órgãos federais em tela.

No caso de equipamentos fornecidos às forças de segurança estrangeiras e do treinamento a eles associado, os Comandos Componentes do Exército exercem o controle operacional da missão, embora seja comum que o deleguem às organizações de cooperação de segurança.

Uma seção de cooperação de segurança composta por 20 a 23 pessoas foi recentemente incorporada ao estado-maior de cada Comando Componente do Exército, tornando-se o ponto convergente de todo o planejamento, execução e avaliação de atividades de AFS. A seção de cooperação de segurança é o principal ponto de coordenação entre os Comandos Componentes do Exército e as equipes de país do Departamento de Estado, organizações de cooperação de segurança, estados-maiores de Comandos Combatentes Geográficos, elementos do Comando de Operações Especiais específicos para a região e o Quartel-General do Departamento do Exército. Além de ser o principal gerador de requisitos de AFS dos Comandos Componentes do Exército, a seção de cooperação de segurança auxilia as unidades que cumprem as missões de AFS e avalia sua efetividade.

**O Apoio.** O ambiente estratégico que se visualiza para o século XXI exige missões de AFS com frequência, duração e âmbito significativamente maiores do que aquelas realizadas na última metade do século XX. O Exército precisa adaptar suas instituições de administração da Força para *sustentar* os esforços de AFS e torná-los parte de suas competências essenciais na mesma proporção em que mantém sua habilidade de conduzir grandes operações de combate. A atual metodologia do Exército irá ajudá-lo a conseguir equilíbrio entre a manutenção das capacidades existentes para prevalecer sobre os adversários militares convencionais e a institucionalização das mudanças necessárias para possibilitar esforços continuados de AFS.

Os chefes envolvidos nessa “solução empresarial” do Exército estão habilitados a adotar uma visão holística dos objetivos e dos recursos da Força e a agir de modo coeso para fornecer tropas adestradas e prontas, com eficiência e eficácia. As duas principais iniciativas mais importantes para sustentar a capacidade do Exército de conduzir AFS são os empreendimentos de Capital Humano e de Material.

O “Empreendimento de Capital Humano” adentra, instrui e desenvolve soldados e líderes que compreendem a importância de AFS no contexto da estratégia nacional. A participação de um militar em atividades relacionadas à AFS se torna parte de suas folhas de alterações. A análise contínua dos requisitos de habilidades capacita o Exército a ajustar e a manter inventários suficientes de indivíduos adequadamente habilitados nos componentes da Ativa e da Reserva do Exército. Um exemplo é a intenção de converter cem vagas de oficiais generalistas em vagas de Oficiais Especialistas de Área (um aumento de 10% no quadro e de 25% nas áreas no exterior com deficiências críticas), antes do ano fiscal de 2012.

A doutrina do Exército é outra parte do Empreendimento de Capital Humano. Depois da publicação do Manual de Campanha 3-0 — *Operações (FM 3-0 — Operations)*, tanto o FM 3-07 — *Operações de Estabilidade (Stability Operations)* como o FM 3-07.1 — *Assistência a Força de Segurança (Security Force*



Um oficial do Exército dos EUA discute a segurança da área com um oficial da Polícia Nacional afegã, em um posto de controle de trânsito no leste da Província de Kunar, no Afeganistão, 24 Set 10.

Exército dos EUA, Sgt. Gary A. Witte, 300º Destacamento de Comunicação Social (Móvel)

*Assistance*), foram aperfeiçoados com foco no desenvolvimento da capacidade de parceiros. As revisões futuras refletirão a evolução continuada do pensamento, conforme as lições sejam aprendidas e os conceitos, aprimorados.

Os sistemas de treinamento também evoluíram com o aumento da necessidade de AFS. O Centro de Cultura do Comando de Instrução e Doutrina (*Training and Doctrine Command — TRADOC*) do Exército dos EUA, no Forte Huachuca, Arizona, é um exemplo de adaptação à necessidade de aumento da consciência cultural para apoiar as missões de AFS. O estabelecimento de um órgão responsável pela modernização da Força para esse tipo de missão, no Centro de Armas Combinadas, no Forte Leavenworth, Kansas, é mais uma evidência da ação do Exército no sentido de institucionalizar sua capacidade de prestar AFS.

Além de apoiar as tropas que desempenham missões de AFS, o Empreendimento de Capital Humano desenvolve a capacidade dos parceiros. Quando há um esforço de AFS concentrado nas instituições de uma força de segurança estrangeira, o elemento de gerenciamento da força do Empreendimento de Capital Humano busca atender aos requisitos dessa missão. Ele também proporciona o programa *IMET*, pelo qual os militares de nações parceiras frequentam as escolas do Exército dos EUA.

O “Empreendimento de Material” do Exército é o principal elemento da Força Geradora que mantém e sustenta o equipamento e o material bélico de uma força de segurança estrangeira, fornecido pelo programa *FMS*. Empréstimos, doações de equipamento de defesa em excesso e o incentivo à produção incipiente de material pelas nações estrangeiras também são importantes formas de desenvolver suas capacidades, bem como vendas ou doações por nações parceiras que executam atividades complementares de AFS. O Empreendimento de Material garante que equipamento esteja disponível para as forças de segurança estrangeiras e que as instituições de apoio sejam capazes de mantê-lo.

## Conclusão

A abordagem do Exército para prover AFS se enquadra no conceito de cooperação de segurança em um ambiente de engajamento contínuo, para

minimizar as oportunidades do inimigo em uma era de conflito persistente. O Departamento de Defesa valida, prioriza e administra os requerimentos dos comandantes combatentes para garantir que o Exército tire o melhor proveito de suas forças operacionais e geradoras para a missão de AFS. Tanto as tropas de emprego específico, quanto as de emprego geral, preparam e empregam indivíduos, organizações, equipamento e programas para desenvolver a aptidão e a capacidade de forças e de instituições de segurança estrangeiras. As brigadas são o elemento-chave desse conceito e o principal instrumento para cumprir missões de AFS, devido ao fato de serem organizadas sob medida pelas forças operacionais e geradoras, e serem preparadas, treinadas e regionalmente adaptadas pelo ciclo ARFORGEN, e, ainda, por ficarem sob o controle operacional dos Comandos Componentes do Exército. O segundo elemento-chave é o desenvolvimento da capacidade da força de segurança estrangeira no nível institucional, por meio do emprego de indivíduos, organizações, equipamento, capacidades e programas da Força Geradora.

Este conceito de AFS é suficientemente versátil e ágil para satisfazer a “oscilação” da demanda por esse tipo de missão. Também permite que o Exército mantenha uma força equilibrada, capaz de atuar em todo o espectro de operações para executar a estratégia equilibrada exigida por nossa nação. **MR**

---

## REFERÊNCIAS

1. Esta definição de assistência a forças de segurança é adaptada da Instrução do Departamento de Defesa 5000.68 (*Department of Defense Instruction 5000.68*) sobre a AFS. É ligeiramente diferente das definições apresentadas pelos Manuais de Campanha do Exército 3-07 e 3-07.1 (*FMs 3-07 e 3-07.1*), pela Publicação Conjunta 3-22 (JP 3-22) – Defesa Interna Estrangeira, por versões anteriores das Instruções do Departamento de Defesa e por textos diversos sobre os fundamentos de AFS. Essas diferenças não são significativas e representam a contínua evolução do pensamento sobre o tema AFS e aos assuntos a ele relacionados.

2. Este artigo usa a sigla ASCC para referir-se apenas aos seis Comandos Geográficos do Exército: o Exército dos EUA na Europa, o Exército “Central” dos EUA, o Exército dos EUA no Pacífico, o Exército dos EUA na África, o Exército “Sul” dos EUA e Exército “Norte” dos EUA.

3. Uma Organização de Cooperação de Segurança (OCS) fica baseada no país que recebe a ajuda e é a responsável pelo planejamento e pela administração dos programas de cooperação de segurança dos EUA, incluindo a assistência de segurança. Esses gabinetes têm vários nomes, incluindo Escritórios de Cooperação de Defesa, Escritórios de Coordenação de Segurança, Grupos de Assessoramento de Assistência Militar, Escritórios de Ligação Militar, Missão de Treinamento Militar, etc. O Comando Combinado de Treinamento de Segurança – Afeganistão (CSTC-A) é uma Organização de Cooperação de Segurança, como foi o Comando Multinacional de Treinamento de Segurança – Iraque (MNSTC-I), que agora recebe a denominação de Forças dos Estados Unidos no Iraque (Assessoramento e Treinamento), ou USF-I (A&T).